TECEDURAS E TRAMAS – TENSIONANDO SABERES DE TECELÃS E DE PROFESSORAS DE EJA

Edla Eggert
PPG Educação, UNISINOS

Esse texto descreve o processo de aproximação a um lugar não-escolar como lugar de *pesquisa-formação*. Esse lugar é um atelier de tecelagem artesanal composto por mulheres das classes populares que vivem no município de Alvorada, grande Porto Alegre. As aproximações ao campo foram permeadas por leituras de textos (Santos, 2006, Freire, 2004, Josso, 2004) que foram retomadas para resgatar em forma de uma narrativa um "caminho para si" do ser docente num modo de tentar relacionar semelhanças, diferenças e tensionamentos entre a formação da tecelã e a formação da professora. As tecelãs são trabalhadoras que no dia a dia em sua atividade no tear produzem para o seu sustento. Nessa atividade cotidiana foram desafiadas a contarem um pouco de si, iniciando um processo de pensar sobre o seu trabalho, a sua profissão. Buscamos mostrar a importância do exercício narrativo em que: elas diziam de si, e nós dizíamos de nós mesmas. Tentamos identificar as habilidades e o orgulho de elas verem prontas as peças que teciam e nós, como professoras, víamos prontos nossos textos, nossas aulas. Elas contaram o quanto aprenderam no atelier umas com as outras e destacaram o resgate da sua auto-estima por meio desse trabalho. A narrativa foi composta em texto e alcançada para elas a fim de que visualizassem o que diziam e faziam por meio das transcrições analisadas coletivamente. Podemos compreender a importância do que Josso destaca no conceito de experiência na metodologia da pesquisa-formação, pois nesse movimento de trocas dos relatos orais de si e na escuta das outras pessoas no grupo passando para as leituras em forma de textos que foram entregues para cada tecelã, destaca-se a surpresa de se enxergar no processo. O conceito de experiência foi considerado a partir do conceito de Josso (2004) e Gebara (2000) e tem sido compreendido nessa investigação como desencadeador da reflexão sobre o pedagógico nas relações de trabalho dessas mulheres. Nesse texto argumentamos pela concreticidade da vida dessas mulheres e a relacionamos com os relatos delas sobre a escola, em especial a EJA experimentada na localidade onde elas vivem, no município de Alvorada, grande Porto Alegre, RS.

Releituras da *pesquisa-formação*

O foco desse texto é fazer uma análise dos processos pedagógicos imbricados no trabalho têxtil artesanal de mulheres das classes populares e sua possível relação com a experiência docente de professoras e alunas no campo da Pedagogia pensando na sua formação para o campo da EJA e da educação popular. Dois grupos estão sendo pesquisados: um de mulheres tecelãs, num ateliê em Alvorada, grande Porto Alegre, e outro de alunas e professoras do curso de Pedagogia e de pós-graduação em Educação, da UNISINOS[1], São Leopoldo. Por meio desses dois grupos, está sendo possível descrever e analisar modos de produzir distintos trabalhos que implicam em *narrar processos* e, por meio dessa narrativa identificar metodologias e pedagogias. Há uma produção e uma legitimação de conhecimentos[2] aprendidos na tecelagem e na sala de aula e, por meio, da sistematização desses conhecimentos acreditamos que podemos contribuir na produção teórica de uma pedagogia da *experiência formadora*.

Quando acenamos com a idéia de *narrar processos* nos inspiramos em Milton Santos que argumenta sobre a importância de uma epistemologia que una o resultado aos processos, diferente da que estamos acostumados a vivenciar na academia que separa o resultado dos processos a fim de dar mais importância ao resultado (2006, p. 20). E assim ao narrar os processos, ou seja, sistematizando-os seguimos uma tradição que a educação popular do lugar da América Latina alcançou para todo o mundo. A sistematização da experiência é entendida aqui como a narração dos processos. Maria Clara Bueno Fischer (2006, p.155) relembra a importância que tem para a educação popular "que os sujeitos estejam implicados individual e coletivamente na ação política ou pedagógica a que se propõe realizar." E segundo ela, uma das metodologias desenvolvidas ao longo dessa trajetória foi a sistematização da experiência. No meu modo de seguir esse raciocínio enfatizo que houve uma priorização da sistematização coletiva das experiências em detrimento das individuais. E, dessa forma poucas foram as pessoas que desenvolveram no seu cotidiano a rotina da análise por meio da escrita, sistematizando as experiências micro, narrativas biográficas que detêm o conhecimento formador de si, num caminho para si, como diz Josso (2004, p. 25).

---

[1]Projeto de pesquisa financiado pela UNISINOS, 2007-2010 - "Pedagogia da tecelagem, tramas do ensinar e aprender em espaços não-formais e sua interface com a pedagogia escolar."

[2] Maria Clara Bueno FISCHER (2006) realiza uma analise em da legitimação dos saberes do trabalho de maneira que em diálogos que temos no espaço da Linha de Pesquisa educação e processos de exclusão social construído temos ampliado a discussão para o âmbito epistemológico pensando em como os conhecimentos.

A base metodológica deste trabalho investigativo é inspirada na *pesquisa-formação* proposta por Josso (2004). A proposição das histórias de vida como projetos de conhecimento e de formação, é uma das formas de compor as narrativas coletadas na pesquisa – como um modo de 'caminhar para si'. Sendo assim, as mulheres, através de suas narrativas foram convidadas a ingressarem no exercício de reflexões sobre suas vivências cotidianas, fazendo desta, uma forma de vislumbrar a si mesmas com suas experiências.

Para Josso:

> O processo do caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. (2004, p. 59)

Metodologicamente estão sendo utilizadas observações participantes nos dois grupos, entrevistas coletivas, análise das transcrições dos encontros nos grupos e com os dois grupos, para análises e sistematizações.

A pesquisa de campo busca perceber como se processam as invisibilidades da produção de conhecimentos nas duas realidades distintas: a da tecelagem e a da sala de aula. Pretendemos assim, analisar como os modos de ensinar e aprender, criar e produzir, na tecelagem, podem visibilizar *"pedagogias da experiência formadora"* Há a suspeita de que uma pedagogia é construída nestes lugares, que pode gerar interface com a experiência das pedagogias escolares, formadoras de docentes de EJA.

Uma *"pedagogia da experiência formadora"*[3] que consiga observar mais e compreender melhor a *invisibilidade* da produção de conhecimento realizado no cotidiano de mulheres e, nesse caso, tecelãs. Estamos aproximando o campo das histórias de vida através da narrativa e da pesquisa-formação. Denice Catani (2006) e Marie-Christine Josso (2004) nos auxiliam a compreender e solidificar a opção metodológica por meio das biografias formadoras. Ainda com referência às escolhas metodológicas, Paulo Freire (2004; 2007) e Carlos Rodrigues Brandão (1981, 1986) apresentam por meio da compreensão da pesquisa participante e do "estar com", o que pressupõe que as mulheres envolvidas na pesquisa não sejam meros objetos de nossa análise.

---

[3] Na experiência de professora pesquisadora tenho apresentado essa idéia nos termos de uma mistura entre Freire e Josso nos encontros de Pratica de Pesquisa no PPEdu da UNISINOS, 2007-2008.

As leituras realizadas até esse momento contribuem para a compreensão de conceitos ligados a este campo teórico-metodológico e também em relação às questões de gênero, existentes na forma de produzir conhecimento. Por relações de gênero compreendemos as formas de relacionamento aprendidas socialmente entre homens e mulheres, mulheres entre as mulheres e homens entre os homens, os papéis assumidos por estes e a construção de valores a respeito dessa relação nas diferentes sociedades, por meio da matriz patriarcal (Scott, 1995). Essas relações são permeadas por pequenos poderes consolidados por valores que mostram opções de classe, raça e gênero (Safiotti, 1987). Mesmo sendo problematizadas nos ambientes educativos, inclusive na universidade, ainda requerem um olhar mais crítico.

Por meio de Freire e Josso e de algumas leituras do campo dos estudos feministas (Gebara, 2000; Lagarde, 2005; Oliveira, 2003) buscamos trazer alguns aspectos que entendemos ser uma prática investigativa, construindo processos metodológicos “com as mulheres” e não “sobre elas”. Estar “com elas” a cada encontro também se torna um momento de reflexão sobre as possibilidades de continuar ou buscar novos caminhos/alternativas no próprio mundo do trabalho que segue dando sentido a vida como seres humanos que somos. Talvez seja mais difícil ou até mesmo, mais exaustivo prosseguir desta maneira já que as mulheres, [tanto as tecelãs quanto as professoras] precisam imergir em uma nova concepção do que seja “pesquisar”. Em Freire, encontramos passagens que reforçam o “estar com” e a “partilha” como princípio metodológico para a emancipação do ser humano. Salienta, também, que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (Freire, 2004, p. 29).

A possibilidade de “dizer a palavra”, já que os encontros com as mulheres são permeados de conversas, sugerem um olhar sobre um dos conceitos-chave, na obra de Freire: o diálogo. As mulheres no momento em que *pronunciam/anunciam/denunciam* o mundo em que vivem, ou seja, visibilizam as *situações-limite* apontadas por Freire, podem, também, vislumbrar a possibilidade de *anunciar* seus *inéditos-viáveis*. Da mesma forma que percebemos o quanto Josso (2004) propõe que narrar sobre si mesmo ou si mesma implica na compreensão de si. Para que isto não caia na vala dos “chavões-pedagógicos” ou mesmo, seja banalizado na prática da pesquisa e da formação, a todo momento, através dos diários de campo e dos estudos feitos, tem sido fundamental que sistematizemos as miudezas do cotidiano que expressa os processos. Ouvir e estar com as mulheres é tentar compreender e buscar consolidar uma prática em que o diálogo se dá pela possibilidade de que a horizontalidade permeie os processos.

Na fase atual estamos visibilizando por meio das transcrições das gravações dos diálogos do grupo de tecelãs como elas se narram e se percebem no ato de fazer seu trabalho [tecelagem e docência]. Todo material transcrito está sendo analisado pelos dois grupos, ou seja, à medida que as transcrições ficam prontas tanto o grupo de Prática de Pesquisa, quanto o grupo das tecelãs têm acesso aos textos lêem e possuem um tempo para conversar sobre esse exercício de se enxergar por meio da escrita. Essa sistemática tem nos mostrado a importância do dizer de si, como em Freire compreendemos a leitura de mundo e em Josso o caminho para si. Alem de termos lido também autoras como Maria Isabel Cunha (1998), Dermeval Saviani (2007) e Mario Osório Marques (1990) que nos desafiam a pensar e analisar situações de aprendizagem.

Vale fazer aqui um destaque para o que a bolsista de Iniciação Científica tem obtido quando produz a concretização da narrativa dos processos na transcrição. Um novo olhar esta posto sobre as questões educativas e o espaço acadêmico, pois ela tem sido desafiada a estudar e discutir as teorias pedagógicas e também teorias feministas. Está aprendendo com as transcrições dos encontros, tanto do grupo de tecelãs, quanto do grupo das professoras e alunas. As transcrições têm sido momentos de uma escuta que busca descobrir o que é aprender, principalmente em relação às tecelãs. Já a partir das escutas do grupo de professoras e alunas - a bolsista começa a perceber os rumos que a pesquisa vem tomando e as mudanças a partir das reações e aproximações “com as mulheres”. Outro destaque identificado nas observações da bolsista é a semelhança que ela identificou das narrativas das professoras estudantes e das tecelãs. Os dois grupos de mulheres possuem um ritmo acelerado de produção (tanto na tecelagem quanto na produção acadêmica), sentem os reflexos desta prática em seus próprios corpos, sendo comuns os relatos sobre “as dores e as delícias do que fazem”. Nos dois grupos isso foi linguagem corrente identificada nas transcrições, ou seja, o fazer artesanato em escala de produção para venda e o fazer escola/academia como profissão, requer um esforço físico, mental e emocional bastante grande que, muitas vezes ocasiona a dor, o cansaço e a fadiga.

Narrar processos - teceduras para encarar a formação docente de professoras de EJA

Num dos encontros no atelier a conversa girou em torno da EJA e uma das tecelãs fez o seguinte comentário: “Acho que a escola não tem como fazer nada”, ela se referia ao modo como as tecelãs descreviam o andamento da EJA naquele bairro em

Alvorada. A constatação de que todas as presentes naquele atelier tiveram experiências de exclusão chamou a atenção. Elas falaram sobre as dificuldades em acompanhar os estudos. As narrativas dessas experiências foram surgindo enquanto as peças iam sendo feitas nos teares. Entre as batidas dos batentes e enquanto eu enchia navetes para elas fomos ouvindo as seguintes declarações/denuncias/situações limites:

> Daí a gente até pensava assim, bah sair daqui cansada, as vezes de uma encomenda super pesada, saia daqui morta, com dor de cabeça, eu pensava, sair daqui cansada, me arrastando para ir no colégio, a única força que tu tem para ir no colégio e se esforçar para chegar lá e a professora não dar bola, dar mais atenção para aqueles que tem oportunidade de estudar de dia e tu que tem só aquele horário para estudar a noite, e ela não te dar atenção, não se esforçar para poder fazer com que tu avance também, chegue a onde tu tem que chegar.(tecelã 1)
>
> Tu sai daqui, vai lá, toma banho, arruma as tuas coisa e antes de sair de casa: será que eu vou estudar ou não? [tecelã 2]
>
> Os trabalinhos que eles dão para fazer também, e tudo material tu tem que correr atrás dos materias toda a noite para fazer trabalho. Não é trabalho, como se diz, teórico é trabalho, assim, manual, tu tem que correr atrás, chegar em casa enfeitar, fazer horrores para eles te dar nota, eles não dão nota pela tua....[tecelã 1]
>
> Pesquisadora: Pelo conteúdo?
>
> É, pelo teu esforço! Tu pensa em muitas coisas assim, aí tu quer avançar não pode chegar avançar no meio, mas elas têm que ver se tu ta te esforçando bastante e chegar e ti e dizer o teu defeito ou tua qualidade, para ti poder avançar e ai tu vai conseguir ter animo também de continuar o ano todo para poder chegar no primeiro grau, segundo grau para poder ter um futuro melhor.[tecelã 1]
>
> [...] Mas antes eu já tinha estudado dois anos ali e eu demorei seis meses no primeiro ano para avançar, porque quem faz os trabalhos e entrega não avança, quem vai lá conversar e namorar essas coisas, eles pegam e avançam e quem se esforça, quem trabalha durante o dia, se esforça, esses não vão, vão ficando, ficando, vai perdendo várias oportunidades de terminar o ano. .[tecelã 1]
>
> E as professoras ainda perguntam: “Ah! porque que tu não avançou? Mas quem tem que saber é ela não é a gente! .[tecelã 1]
>
> Eu acho que esse, como é que se chama... [uma outra tecelã fala mais do fundo da sala: EJA!] Eles tinham que fazer só para quem trabalhava, tinha que fazer uma relação. Isso, só pra quem trabalha mesmo, que faz esforço para estudar não para pessoas que... jovens até que tem 16 anos e vão para lá

> só para brincar, não querem estudar, querem namorar, querem fazer horrores no pátio, é brabo! [tecelã 3]
>
> Mandaram me chamar, cheguei em casa e estava lá o recado para eu fazer a matricula. Ah! daí eu estava tão cansada aquele dia, que eu disse eu não vou! (risos), e era um frio ainda, eu não vou, e daí eu não fui! [tecelã 4]
>
> Olha, tem que ter uma força tem que ser guerreira para trabalhar e estudar, sabe! Principalmente quem tem filhos, tem que ser guerreira, porque se não....Trabalhar e o jeito que a gente sai daqui super cansada, demolida mesmo. Chega em casa a vontade que a gente tem é tomar um banho e se atirar. Antes chegava em casa, saía daqui pegava as crianças na creche e ia para escola depois, voltava 10, 11 horas da noite. Ah não, tem que ter força. [tecelã,3]
>
> Seria bom se fosse uma escola só para quem realmente trabalhsse o dia todo. Mas é que a maioria do pessoal vai pensando nisso, mas tu chega ali e vê que é diferente, ai desanima.[tecelã 4]

Ouvir essas experiências foi um exercício de distanciamento do lugar da escola, do 'colégio' como dizia uma das tecelãs, para analisar as repetições e os automatismos geradores das Lesões por Esforço Repetitivo na EJA e também no atelier. Em vários dos depoimentos percebemos a ação do esforço do trabalho que as tecelãs vivenciam e o quanto isso fica distante de quem recebe pessoas nas salas de EJA depois de um dia inteiro de trabalho. Mas também a professora esta lesada por outras repetições na forma de se enxergar como autora da produção de um determinado conhecimento ainda não anunciado como autônomo e diferenciado na história da pedagogia dos mundos adultos.

Os dois mundos do trabalho – o da tecelagem e o da docência -, querem resultados como bem denuncia Milton Santos (2006) e nesse movimento os processos ficam em segundo plano, pois são os meios que nesse caso não interessam tanto. Ao fazermos a escuta e dessa escuta produzimos o texto e não o trazemos simplesmente para a academia e sim para as tecelãs, e, simultaneamente para as professoras tensionamos os fios de teares distintos.

Saberes da experiência - quando narramos processos aparecem os 'nós'

A experiência aqui esta relacionada com dois lugares: o atelier e a escola. Ambos possuem salas de produção em massa e sala de preparação da produção. Um

lugar produz tecidos o outro [re]produz conhecimentos. Passo a narrar as três primeiras visitas registradas por mim ao atelier.

12/07/07 - Chegando na casa-atelier, fomos cordialmente recebidas. O atelier é uma antiga casa de madeira [não tenho certeza se essa era a antiga casa da família da dona] com algumas adaptações. Possui quatro cômodos: nos fundos a sala onde ficam as tecelãs, onde há uma janela grande com vidros basculantes, e umas seis lâmpadas penduradas. As paredes são de um azul forte. Na saída dessa sala há um pequena cozinha e junto a ela um banheiro. Na cozinha tem uma pia que sempre tem copos lavados e expostos prontos para serem usados, um bebedouro, uma mesa encostada na parede com algumas banquetas e um arranjo no canto com um cesto de trabalhos artesanais. Após há um corredor com mais uma porta que da para um quarto cheio de estantes contendo fios de lã e de linha e ao final desse quarto uma porta e uma janela. A porta dá para a sala onde a dona trabalha. Nesse quarto menor ficam duas mulheres que têm a responsabilidade de fazer a preparação dos teares. Tanto na sala da dona, quanto no corredor, como nessa outra sala – todas têm prateleiras com muita lã e fios. Na sala da dona, que é a sala de entrada, onde ficam o computador, um sofá, umas cadeiras e banquetas, há também muitas peças prontas e embaladas para serem entregues ou vendidas lá mesmo. Há ainda uma quarta peça que foi – pelo que parece, construída posteriormente e serve de cozinha de tingimento. Lá trabalha um homem, parente de uma das funcionárias. Aliás, essa foi uma característica destacada pelas mulheres de que varias delas são parentes.

Fiz uma breve visita em todos esses lugares e conversei um pouco com as mulheres que estavam na hora do café. Depois voltei para a sala da dona e conversamos. A manhã passou desse jeito. Saí por volta do meio dia.

- **03/08/07**

Fui de carro até Alvorada. Era manha e as tecelãs estavam tomando um café [lanche] e eu pedi licença pra passar pela cozinha e ir ao banheiro, depois tomei um café com elas. Após, fui para a parte da frente do atelier para ver com a dona o que iria fazer. Disse a ela que pensei em trazer meu tear, daí ela disse que tinha um para me emprestar. Fui olhar então os fios que ela tinha e propus pegar algo das sobras que ela tem. Escolhi um fio azul marinho quase preto e um fio verde. Vera me alcançou a urdideira e começamos a planejar o que eu iria fazer. Um cachecol de uns 35 cm de largura, e quase uns 3 de comprimento. Ela me deu umas dicas de como por o fio na urdideira numa das voltas fazendo um X, além disso, perpassando entre a base desse urdume mais de uma cor já direto como o fio predominante.

Fui me virando – não acertei tudo de cara. Fiquei na calçada ao lado da porta de entrada, junto a ela que de vez em quando me dava uma olhada e dizia pra fazer de um ou outro jeito. Fiz lentamente essa parte. Destramar o fio e tramar de outro jeito. Enquanto fazia isso me enxerguei fazendo no lugar em que estava fazendo. Não estava junto às tecelãs, ainda não é meu lugar. Elas estão lá num ritmo alucinante. A dona também esta num ritmo, e de repente apareço com outro ritmo, sou um corpo estranho, mais ou menos simpático. Tentando me entrosar. Sei que esse lugar onde me encontro é de aproximações. Serei testada. Tudo é uma questão de tempo.

Depois, quase 11h15min, chegaram um homem de terno e gravata e uma mulher, os dois da Universidade de Brasília para fazer umas perguntas e fotografias do atelier. A dona me disse depois que eram consultores para a Cooparigs. Já eram quase 12h15min quando sai do atelier.

10/08/07 - Cheguei cedo 8h30min e a dona me disse: *"ah Edla nós tivemos que desmontar teu tear por que tivemos um pedido de cintas então os teares menores precisaram entrar em ação. Vamos ter que montar novamente*." Daí foi ver onde estava o tear que se encontrava junto com os outros das mulheres todas lá na sala do fundo onde trabalham. Fiquei por lá e a ela perguntou: *"vais ficar por aqui mesmo?"* e eu respondi em forma de pergunta também: *"só se elas me deixarem, posso?"*

As mulheres que estavam lá naquele momento, umas 4 disseram: *"pode sim"*. Então fui pegar as lãs que já tinha escolhido e preparado na outra vez. A encarregada de colocar o urdume me ajudou a fazer toda a base novamente e ali fiquei entre vários teares enormes, cada um medindo mais ou menos 2 metros e o meu 40 cm. Fiquei mais perto da janela que tem a largura da sala e ilumina bem tudo. Um tear desses grandes fica bem em frente à janela, o meu ficou logo após e depois vem uma seqüência de teares grandes novamente. Todos os outros teares acompanham as duas paredes de maneira que as tecelãs trabalham de costas umas para as outras. Num primeiro momento eu havia colocado o tear virado de frente pra elas, mas pensei que eu estaria mudando muito a forma de trabalhar, pois eu ficaria olhando para todas enquanto elas somente olham para o seu trabalho. Mudei a posição, mas fiquei pensando nisso. O porquê de ficar para a parede todo mundo sem se ver. Seria uma forma de concentrar mais? De conversar menos?

Iniciei a trama. E fomos sendo apresentadas uma para as outras. Há duas mulheres que se ocupam de preparar e planejar os teares para que as outras possam tecer. Uma das mulher tem 43 anos, é avó de um menino de 5 meses, trabalha discretamente, participa na igreja da Assembléia de Deus e parou de estudar na 7ª série. Nesse dia duas estavam com muita dor, uma com dor de dente e outra com dor de cabeça. Uma foi para casa depois de trabalhar por uma hora mais ou menos, essa

tem dois filhos. Tem outra que é mais nova no grupo, pois trabalhou um ano com tear, depois parou o ano passado e agora voltou faz 8 meses. Ela tem 4 filhos e tem 27 anos. Ela mora longe e vem de bicicleta demora uns 40 minutos, naquele dia comprou um lanche na padaria, pois não trouxe almoço e geralmente ela fica direto, acho que não vai para casa.

Enquanto fazíamos nossas tramas uma delas lembrou do programa Linha direta do dia anterior que tratou dos 20 anos do Césio 137. Estava apavorada, pois nunca tinha ouvido falar naquilo, como podia algo assim tão devastador?

A mãe dos quatro filhos relatou vários acontecimentos com as crianças, um deles foi que levou os quatro pra fazer a carteira do SUS, e o atendente se surpreendeu com a idade dela e seus quatro filhos... Ela fez um comentário de que ele era metido, não tinha nada que fazer comentários. Também comentou sobre a alegria do seu menino de poder ir à igreja com o pai que não mora com ele.

Uma coisa que chamou a atenção e que a dona já tinha comentado foi sobre as dores, pois uma das que faltou naquele dia além das duas que estavam lá e que relataram que estavam com dor. A que faltou teve que ir ao médico. Me pareceu que esse um indício – o de ter que ir ao médico é um elemento de extrema necessidade, geralmente elas vão levando com base em remédios antiinflamatórios.

Nesse dia ainda conversamos sobre o ato de criar, pois fiz o comentário de que cada uma tinha uma função, perguntei para a tecelã que planeja e prepara os urdumes se era ela que fazia os desenhos e ela disse que sim, depois perguntei para as outras se elas não tinham vontade de inventar algumas coisas e elas disseram que gostariam de fazer algo em casa, mas que o tear era caro. Mas que era muito legal fazer e no final ver o resultado: *"quando tiro do tear a peça, nem lembro mais da dor que senti enquanto fazia"* essa frase me marcou. Acho que se parece com a dor de escrever no teclado...

A manhã foi terminando, ao meio dia eu também fui arrumando as coisas e elas todas com exceção da que vem de bicicleta vão para casa, pois moram relativamente perto.

Enquanto a narrativa de experiências no atelier foi lida no grupo das professoras, as associações foram imediatas. Os diferentes lugares e as devidas funções de trabalho foram relacionadas com os postos escolares. Quem ocupa a sala de aula tem um olhar e quem supervisiona possui outro. As dores e as conseqüências de um trabalho repetitivo que, inicialmente parece muito criativo, mas no final ficamos com a sensação de alivio por haver concluído uma tarefa. Essas são constatações ainda a serem melhor aprofundadas. Diria que, nesse momento, poderia associar com o trabalho miúdo que as mulheres foram sendo envolvidas no cotidiano e, ao não o contabilizarem não conseguem percebe-lo como trabalho. Trabalho produtivo reconhecido no espaço

público. As brechas conquistadas para a saída do mundo doméstico tiveram na docência e na pobreza formas diferentes de fazer com que as mulheres ocupassem postos de trabalho relacionados com os afazeres domésticos e, de preferência perto das suas casas. A proximidade ao lar auxiliava no controle das lides domésticas. Assim como muitas professoras lecionam apenas num turno para que no outro possam realizar as tarefas domésticas, as tecelãs optam por trabalhos em cooperativas de trabalho artesanal próximo das suas casa a fim de cuidarem melhor dos seus filhos e filhas. Trabalhos invisíveis, criações invisíveis e imaginários impercetíveis sobre essas ações. Não há tempo para pensar sobre essas atividades. Elas se descolam do dia a dia dando a impressão de que nada foi feito. A não ser o salário no final do mês que lembra a precariedade dos trabalhos que se instalam como alternativa de "auxilio" no orçamento que na maior parte das vezes passa a ser a base principal da economia doméstica quando elas são chefe de família.

Quais são os nós para serem percebidos e destacados pelo sistema de EJA? Onde esta o tensionamento dessa trama? Entendo que o desafio esta na escola poder enxergar o mundo do trabalho das mulheres a fim de agilizar políticas de uma ação pedagógica sensível as experiências que formam essas mulheres nos seus cotidianos. Parece-nos que isso é ter a dimensão dos estudos feministas e de gênero presentes a ação pedagógica em salas de EJA. Para tanto vários modos de visibilizar isso são necessários. A narrativa proposta nesse texto é uma delas.

REFERÊNCIAS

BRANBÃO, C. R. *Saber e ensinar*: três estudos de educação popular. 2 ed. Campinas: Papirus, 1986.

BRANBÃO, C. R. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CATANI, Denice. A autobiografia como saber e a educação como invenção de si. In.: SOUZA, Elizeu Clementino de.; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** Porto Alegre: EDIPUC/RS; Salvador/Bahia:DUNEB, 2006, p. 77- 87.

CUNHA, Maria Isabel da. As narrativas como explicitadoras e como produtoras do conhecimento. In:_____**O Professor Universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998. p. 37 – 46.

FISCHER, Maria Clara Bueno. Produção e legitimação de saberes no e para o trabalho e educação cooperativada. In. **Revista Educação Unisinos**, São Leopoldo: UNISINOS, V.10,n.2, 2006, p.154-158

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 45.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

JOSSO, Marie-Cristhine. **Experiências de Vida e formação**. São Paulo:Cortez, 2004.

MACHADO, Ana Maria. **O Tao da Teia**. Estud. av. vol.17 no.49 São Paulo Sept./Dec. 2003 Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18403.pdf Acesso em 11/11/07

MARQUES, Mario Osório. **Pedagogia: a ciência do educador**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1996.

SAVIANI, Dermeval **Epistemologia e teorias da educação no Brasil**. Rev. Proposições, vol. 18, n. 1 (52) jan. – abril, 2007, p. 15 – 28. Faculdade de Educação, Campinas UNICAMP.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.